Saúde, crises humanitárias e deslocamentos no continente africano: Ebola e os impactos do conflito no Sudão

Salud, crisis humanitarias y desplazamiento en el continente africano: el ébola y los impactos del conflicto en Sudán

Health, Humanitarian Crises, and Displacement in the African Continent: Ebola and the Impacts of the Conflict in Sudan

Rafael Gomes França, Giacomo Giannelli, Júlia Moraes, Marina Sujkowski e Deisy de Freitas Lima Ventura

Resumo: O presente informe, elaborado pelo Grupo de Trabalho sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global, apresenta um panorama sobre o surto de ebola na República Democrática do Congo e Uganda, destacando sua relação com a mobilidade humana e a crise humanitária na região, foram abordadas as principais ações da OIM na preparação e resposta ao surto, com foco na vigilância e no monitoramento dos fluxos populacionais. Também são apresentados os principais corredores e pontos de mobilidade identificados na RDC, bem como os desafios para a vigilância sanitária nas áreas de fronteira. Apresenta-se, também, o agravamento da crise humanitária no Sudão, marcado pela intensificação da violência, destruição de infraestruturas essenciais e novos deslocamentos populacionais. Destaca-se a situação nas regiões de Darfur e Cordofão, onde os conflitos e eventos climáticos ampliam a vulnerabilidade da população. O texto aborda ainda a dimensão migratória da crise, caracterizada por milhões de deslocados internos e pessoas que buscaram refúgio em países vizinhos, além dos desafios para a resposta humanitária e para o retorno seguro das populações afetadas.

Palavras-chave: Migração; Refúgio; África; Saúde; Mobilidade Humana.

Resumen: *El presente informe, elaborado por el Grupo de Trabajo sobre Migraciones, Refugio y Salud Global, presenta un panorama del brote de ébola en la República Democrática del Congo y Uganda, destacando su relación con la movilidad humana y la crisis humanitaria en la región. Se abordan las principales acciones de la OIM en la preparación y respuesta al brote, con énfasis en la vigilancia y el monitoreo de los flujos de población. También se presentan los principales corredores y puntos de movilidad identificados en la RDC, así como los desafíos para la vigilancia sanitaria en las zonas fronterizas. Asimismo, se analiza el agravamiento de la crisis humanitaria en Sudán, marcado por la intensificación de la violencia, la destrucción de infraestructuras esenciales y nuevos desplazamientos de población. Se destaca la situación en las regiones de Darfur y Kordofán, donde los conflictos y los eventos climáticos aumentan la vulnerabilidad de la población. El texto aborda además la dimensión migratoria de la crisis, caracterizada por millones de personas desplazadas internamente y personas que han buscado refugio en países vecinos, así como los desafíos para la respuesta humanitaria y para el retorno seguro de las poblaciones afectadas.*

Palabras clave: *Migración; Refugio; África; Salud; Movilidad humana.*

Abstract: *This report, prepared by the Working Group on Migration, Refuge and Global Health, presents an overview of the Ebola outbreak in the Democratic Republic of the Congo and Uganda, highlighting its relationship with human mobility and the humanitarian crisis in the region. It addresses the main actions undertaken by the IOM in the preparation for and response to the outbreak, with a focus on surveillance and monitoring of population movements. The main mobility corridors and points identified in the DRC are also presented, as well as the challenges facing health surveillance in border areas. The report also addresses the worsening humanitarian crisis in Sudan, marked by intensified violence, the destruction of essential infrastructure, and new population displacements. Particular attention is given to the Darfur and Kordofan regions, where conflict and climate-related events increase population vulnerability. The report further examines the migratory dimension of the crisis, characterized by millions of internally displaced people and individuals who have sought refuge in neighboring countries, as well as the challenges facing the humanitarian response and the safe return of affected populations.*

Keywords: *Migration; Refuge; Africa; Health; Human Mobility.*

A situação do Ebola no continente africano

Desde maio, dois países africanos, República Democrática do Congo (RDC) e Uganda, vêm enfrentando um novo surto de Ebola da espécie *Bundibugyo*, o qual ocorre em meio a uma crise humanitária em andamento, marcada pelo elevado número de deslocamentos internos e transfronteiriços, insegurança devido a conflitos armados, e acesso restrito a serviços de saúde. Assim, a mobilidade humana é um dos principais aspectos a serem considerados nos esforços de preparação e resposta ao surto. Devido à complexidade desse cenário, foi ativado o Comitê Permanente Interagências das Nações Unidas para escalar a resposta humanitária na região, no qual a Organização Internacional para as Migrações (OIM) desempenha papel importante no apoio às atividades de resposta e no monitoramento do surto nos países prioritários e vizinhos[1]. Nesse contexto, a Organização tem publicado relatórios de situação para acompanhamento dos principais indicadores referentes à resposta envolvendo a mobilidade humana.

No último relatório publicado, referente aos dias 17 a 23 de agosto, a OIM reportou o apoio a 228 pontos de entrada (localidades onde pessoas cruzam fronteiras internas ou internacionais), cumulativo desde o início da resposta, a realização de quase 23 milhões de testes e diagnósticos nesses pontos, e mais de 19 milhões de indivíduos envolvidos em atividades de comunicação de risco e engajamento comunitário[1]. Ainda, chama a atenção a disparidade entre o financiamento solicitado (US$55,8 milhões) e o recebido (US$27,6 milhões)[1]. As principais lacunas identificadas entre as prioridades para resposta foram: (i) fortalecimento da vigilância epidemiológica e da preparação em corredores de mobilidade de alto-risco, (ii) endereçar desafios operacionais e de coordenação nos pontos de entrada e controle, e (iii) endereçar as restrições de recursos e financiamento para manutenção das atividades[1].

A resposta da OIM é guiada pelo *Health, Border and Mobility (HBMM) Framework,* que envolve as dimensões de mobilidade dos riscos de saúde pública através de cinco objetivos estratégicos[1]. O primeiro objetivo envolve o fortalecimento do mapeamento de mobilidade, dados de vigilância e geração de evidências, a partir do qual a OIM tem realizado testes e diagnósticos nos pontos de entrada dos países prioritários e vizinhos (Sudão do Sul, Burundi e Etiópia), identificado corredores de mobilidade de alto risco na Tanzânia e apoiado ações de monitoramento da mobilidade humana na Uganda, no Quênia e na República Democrática do

Congo. O segundo objetivo consiste no reforço das capacidades de saúde das fronteiras e gestão nos pontos de entrada e ao longo das trajetórias de mobilidade. Quanto a isso, a OIM tem fornecido suporte às autoridades locais para a prevenção e controle de infecções, treinado funcionários e fortalecido as capacidades de preparação nos países já mencionados. O objetivo três diz respeito ao aprimoramento da comunicação de risco e do engajamento comunitário, que tem sido implementado pela OIM com as populações afetadas. Por fim, os objetivos quatro e cinco dizem respeito ao apoio à formulação de políticas, à governança e às parcerias e coordenação multissetorial. A OIM tem fortalecido a implementação de iniciativas de preparação estratégica na RDC, avaliações de preparação em pontos de entrada em Ruanda, bem como participado dos encontros com outras agências das Nações Unidas e grupos de trabalho internacionais.

Além do relatório de situação, a OIM publicou o *Population Mobility Mappping* realizado durante o mês de julho na cidade de Butembo e no território Lubero, na RDC[2], conectado principalmente ao objetivo 1 descrito anteriormente. Essa iniciativa consistiu em um Exercício Participatório de Mapeamento com 20 informantes-chave e visitas de campo a 20 localidades prioritárias para identificar as principais rotas de mobilidade, locais de encontro, pontos de entrada e pontos de controle. O exercício resultou na identificação de cinco eixos primários de mobilidade, conectando Butembo a Beni, Lubero Nijapanda, Kipese e Kyavinyonge. Os deslocamentos são motivados principalmente pelo comércio e negócios, além de atividades de pesca, agricultura, visitas familiares e acesso a serviços. Na região de Lake Edward, cinco pontos de entrada informais permitem cerca de 2.250 passagens por dia, conectando as comunidades que vivem à beira do lago a Uganda, e nenhum desses pontos possuía centros de diagnóstico ou testes. O exercício também identificou 30 pontos de encontro e reunião — mercados, centros de transporte, instalações de saúde e centros comerciais —, os quais também não contavam com medidas de saúde pública para prevenção e controle de infecções. Ademais, oito pontos de controle estratégicos foram identificados, dos quais apenas Kanghote e Mususa estavam em operação durante o período de condução do exercício, e os quais reportam de 2.500 a 7.000 travessias diariamente.

Os achados do exercício ressaltam a necessidade da formulação de recomendações de saúde pública adaptadas e direcionadas para as dinâmicas de mobilidade humana na região, considerando que os deslocamentos têm grande relevância na transmissão da doença e nas condições de saúde da população. Para a OIM, as ações prioritárias devem incluir o fortalecimento à vigilância epidemiológica nas principais rotas de deslocamento, a operacionalização dos pontos de controle, a melhoria dos sistemas de alerta e referenciamento, e o reforço da coordenação e do compartilhamento de informações transfronteiriças entre a RDC e Uganda[2].

Sudão: agravamento do conflito amplia deslocamentos e aprofunda crise humanitária

Desde abril de 2023, o Sudão enfrenta uma das mais graves crises humanitárias e de proteção da atualidade, marcada pela intensificação dos confrontos entre as Forças Armadas Sudanesas e as Forças de Apoio Rápido (RSF). O aumento dos ataques, especialmente com o uso de drones, tem atingido áreas urbanas e infraestruturas civis essenciais, provocando mortes, ferimentos e novos deslocamentos da população. Segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), os ataques com drones foram responsáveis por cerca de 80% das vítimas civis registradas entre janeiro e junho de 2026, correspondendo a aproximadamente 2 mil mortos.[3]

A violência tem afetado particularmente as regiões de Darfur e Cordofão, onde os conflitos, a insegurança alimentar, os surtos de doenças e os impactos de eventos climáticos extremos se sobrepõem. Em El-Obeid, no estado de Cordofão do Norte, confrontos recentes provocaram a morte de pelo menos 12 civis e contribuíram para a deterioração das condições de vida da população. Ataques à infraestrutura de energia comprometeram o abastecimento de água, o funcionamento de hospitais e as redes de comunicação, dificultando também a atuação das organizações humanitárias. Ao mesmo tempo, a suspensão temporária de operações destinadas ao controle de um surto de cólera evidencia como a violência interfere diretamente na capacidade de resposta às necessidades básicas da população.[3]

Esse cenário tem provocado uma sucessão de deslocamentos internos. Mais de 9 milhões de pessoas encontram-se atualmente deslocadas dentro do território sudanês, fazendo do país o cenário da maior crise de deslocamento interno do mundo. Apenas nos últimos meses, mais de 200 mil pessoas foram deslocadas na região de Cordofão, enquanto, somente em agosto, mais de 86 mil novos deslocamentos foram registrados em diferentes partes do país. Em El-Obeid, o crescimento populacional associado à chegada de pessoas que fugiram de outras áreas do conflito levou a cidade de cerca de 750 mil habitantes a abrigar aproximadamente 3,4 milhões de pessoas.[3]

A crise, contudo, ultrapassa as fronteiras do Sudão. Estima-se que, desde o início do conflito, cerca de 14 milhões de pessoas tenham sido deslocadas, sendo aproximadamente 8,6 milhões dentro do próprio país e 4,2 milhões que buscaram refúgio em países vizinhos. O deslocamento regional acrescenta novas pressões sobre países que recebem populações sudanesas, ao mesmo tempo em que as condições encontradas no próprio território dificultam o retorno seguro daqueles que deixaram suas comunidades.[4]

A situação migratória é agravada pela destruição de infraestrutura e pela redução da capacidade de atendimento humanitário. Embora a reabertura de rotas de suprimentos tenha permitido recentemente a entrega de 1.750 toneladas de ajuda, incluindo milhares de kits de higiene e tendas, as organizações humanitárias alertam para a insuficiência de recursos diante da dimensão das necessidades. A meta de alcançar mais de 400 mil pessoas nos próximos dias ocorre em um contexto de redução do financiamento das operações, colocando em risco a continuidade da assistência.

Além dos efeitos diretos da violência, as inundações sazonais têm provocado novos deslocamentos, especialmente em Darfur do Norte. Em Tawila, chuvas intensas danificaram mais de 1.350 casas e deslocaram mais de mil famílias. A combinação entre conflito armado, deslocamento prolongado, eventos climáticos extremos, insegurança alimentar e surtos de doenças amplia a vulnerabilidade das populações afetadas e torna ainda mais complexa a resposta humanitária.[4]

A ONU estima que atualmente 33,7 milhões de pessoas necessitem de assistência humanitária urgente no Sudão, enquanto o conflito já teria provocado ao menos 59 mil mortes desde 2023. Nesse contexto, os deslocamentos não podem ser compreendidos apenas como consequência imediata dos combates, mas como parte de uma crise prolongada que compromete as condições de permanência, sobrevivência e retorno das populações afetadas. A destruição de serviços essenciais, a insegurança e a insuficiência da assistência contribuem para a continuidade dos fluxos internos e transfronteiriços, consolidando uma das maiores crises de deslocamento e proteção da atualidade.[4]

Referências

1. OIM. **Multi-Country Bundibugyo Ebola Virus Disease Outbreak — Situation Report No. 15 (17-23 August 2026)**. 28 ago. 2026. Disponível em: https://reliefweb.int/report/democratic-republic-congo/iom-multi-country-bundibugyo-ebola-virus-disease-outbreak-situation-report-no-15-17-23-august-2026. Acesso em: 31 ago. 2026.
2. OIM. **Population Mobility Mapping (PMM) Report for Bundibugyo Virus disease (BVD) Preparedness in Lubero Territory and Butembo City, DRC (03-05 July 2026)**. 27 ago. 2026. Disponível em: https://reliefweb.int/report/democratic-republic-congo/population-mobility-mapping-pmm-report-bundibugyo-virus-disease-bvd-preparedness-lubero-territory-and-butembo-city-drc-03-05-july-2026. Acesso em: 31 ago. 2026.
3. NAÇÕES UNIDAS. **Sudão: ataques a civis arrasam comunidades já esgotadas pela guerra**. *ONU News*, 24 ago. 2026. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2026/08/1854130. Acesso em: 31 ago. 2026.
4. NAÇÕES UNIDAS. **Escalada da violência no Sudão provoca êxodo de 200 mil pessoas em Cordofão**. *ONU News*, 21 ago. 2026. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2026/08/1854119. Acesso em: 31 ago. 2026.